

## “Mães de fevereiro”: representação social da figura materna em reportagem sobre “greve” da PM no Espírito Santo

“Mothers of february”: social representation of the mother figure in a report about the military police “strike” in Espírito Santo

*Micheline Mattedi Tomazi\*, Joelson de Maria Rocha\*, Candido Junior\**

*\*Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)*

---

**Resumo:** “A dor e o vazio das mães de fevereiro” intitula uma reportagem do jornal A Gazeta, do Espírito Santo, que concedeu voz a algumas mães que perderam seus filhos durante os 22 dias de paralisação da Polícia Militar do estado, em fevereiro de 2017. Em tal texto jornalístico consiste o objeto de estudo deste trabalho, já que, ao retratar essas mulheres, apresenta-se uma construção social da figura materna, que merece ser analisada. Sob esse objetivo, será averiguado que estruturas linguísticas e discursivas são mobilizadas para representar essas mães. Para tanto, serão revisitados estudos sobre as construções históricas de mãe no Brasil e as noções de representação social de van Leeuwen (1996), para, então, aplicar algumas categorias discursivas de análise de van Dijk (2016, 2012, 2010, 2001), com o intuito de descrever como sociocognitivamente, por meio da criação e ativação de modelos mentais, são representadas socialmente essas mães. Os resultados apontam para uma representação social que aciona modelos tradicionais de mães, inclusive suprimindo aquelas que não se encaixam em um padrão estabelecido, as “outras mães de fevereiro”.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso. Abordagem sociocognitiva. Greve da PM no ES. Representação social.

---

**Abstract:** “The pain and emptiness of the mothers of February” headlines a journalistic report in the newspaper A Gazeta, from Espírito Santo, which gave voice to some mothers who lost their children during the 22 days of shutdown of the state’s Military Police in February 2017. This text constitutes the object of study of this work due to the fact that the portrayal of these women presents a social construction of the maternal figure which deserves to be analyzed. Therefore, studies on the historical construction of motherhood in Brazil, as well as van Leeuwen’s (1996) notions about social representation, will be revisited in order to apply some of van Dijk’s (2016, 2012, 2010, 2001) discursive categories of analysis. This enables us to sociocognitively describe, i.e., through the creation and activation of mental models, how these mothers are socially represented. Results point to a social representation which triggers traditional models of mothers, suppressing then those who do not fit an established standard; the “other mothers of February”.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Sociocognitive approach. Military Police “strike” in Espírito Santo. Social representation.

## Introdução

A violência letal no estado do Espírito Santo revela suas faces por meio de diversas modalidades de execução de humanos, como feminicídios e homicídios de jovens, impondo-se como importante ponto de discussão, não só às agendas de políticas públicas, mas também às pesquisas acadêmicas de natureza social. Quantificado estaticamente, o fenômeno da violência no estado pode ser medido pelos dados do Atlas da Violência, produzido pelo Instituto de Pesquisas Econômicas, Ipea, e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, FBSP, segundo os quais, 1270 homicídios ocorreram no estado em 2016, uma taxa de 32 por 100 mil habitantes (CERQUEIRA, 2018). Números mais recentes foram divulgados pelo Sindicato dos Policiais Civis do Espírito Santo (Sindipol/ES): 1403 mortes violentas em 2017<sup>1</sup>. Em 2018, foram 1.108 homicídios no estado.

Outra forma de se acessar a violência no estado consiste na cobertura midiática, já que assassinatos tematizam diariamente páginas dos principais jornais do Espírito Santo. Sob tal intenção informativo-mercadológica<sup>2</sup>, o jornal A Gazeta estampou, em sua capa de 05 de agosto de 2017, a manchete “O vazio e a dor das mães de fevereiro”<sup>3</sup>, anunciando uma reportagem especial de duas páginas sobre mulheres cujos filhos foram vítimas de violência letal. O texto objetivava marcar um dos vieses das inúmeras repercussões de um gigantesco acontecimento social e político ocorrido seis meses antes no estado: a “greve”<sup>4</sup> da Polícia Militar, com duração de 22 dias, período em que houve 192 mortes.

Compreender essa reportagem exige retomar a paralisação da PM (por isso o

---

<sup>1</sup> Os dados foram reportados em: <http://eshoje.com.br/sindipol-em-2017-o-espírito-santo-registrou-222-mortes-a-mais-do-que-no-ano-anterior/>. Acesso: 10 nov. 2018.

<sup>2</sup> Esclarecedora descrição desse processo foi realizada por Patrick Charaudeau (2012), ao tratar da existência de uma tensão no contrato de informação, que obedece a uma dupla finalidade: a visada da informação (busca de credibilidade) e a visada da captação, que busca engajamento no maior público.

<sup>3</sup> Além da versão impressa, cuja referência está ao fim deste texto, a reportagem conta com uma versão *online*, que pôde ser acessada em: <https://www.gazetaonline.com.br/especiais/2017/08/marcas-da-matanca-persistem-nas-maes-dos-mortos-de-fevereiro-1014086143.html>.

<sup>4</sup> O termo *greve* será marcado neste trabalho sempre por aspas. A razão para isso está na relatividade de como tem sido analisada a suspensão da atuação da Polícia Militar em tal período. Apesar de os jornais do estado e os pronunciamentos oficiais referenciarem o movimento por *greve*, existem segmentos que não concordam com esse rótulo. Para esses, não se tratou de uma ação organizada pela categoria, visto que a paralisação foi iniciada pelas “mulheres”, parentes e amigos dos policiais, que, em 05 de fevereiro, promoveram um protesto em frente ao Quartel do Comando Geral, centro estadual das decisões dos militares. A partir daí, prostraram-se à entrada das repartições onde se estacionam viaturas, bloqueando a circulação desses automóveis e forçando a paralisação dos policiais.

determinante “de fevereiro”, que compõe a manchete). Em 04 de fevereiro de 2017, houve um bloqueio das “mulheres”<sup>5</sup>, parentes e amigos de policiais à saída de viaturas no Destacamento da Polícia Militar da região de Feu Rosa, bairro do município de Serra<sup>6</sup>, sob reivindicação de reajuste salarial e de melhores condições de trabalho. No dia seguinte, o movimento evoluiu para um bloqueio à saída de viaturas do Quartel do Comando Geral, em Maruípe<sup>7</sup>, centro estadual das decisões dos militares.

A partir disso, seguiram-se 23 dias de intensa cobertura, já que as manifestações se transformaram em uma paralisação nunca vista no estado, imobilizando inúmeros segmentos capixabas: sem policiamento, escolas suspenderam aulas, empresas não abriram as portas, o transporte público deixou de circular, as ruas se esvaziaram e os capixabas se encerraram dentro de suas residências, sob constante receio das diversas invasões a casas e condomínios. A criminalidade obteve ápice de agravamentos: registraram-se oficialmente 192 mortes no período da “greve”, caracterizando o mês de fevereiro de 2017 como o mais violento da nossa história. Decerto, houve um aumento estatístico de 229 homicídios no mês, no Espírito Santo, se comparado aos 122 do mesmo mês em 2016.<sup>8</sup>

As ênfases nas decisões concernentes à esfera oficial que as manchetes e títulos dos textos da cobertura midiática deixavam transparecer legaram a segundo plano os dramas familiares de quem teve um ente executado durante esse período. Porém, seis meses depois do início da “greve”, uma reportagem especial recuperou em duas páginas alguns dramas familiares. A manchete de capa, “O vazio e a dor das mães de fevereiro”, anunciou uma reportagem que apresentaria o sofrimento das mães que perderam seus filhos por morte violenta durante o período da “greve” – só houve uma menção aos pais dessas vítimas. Essa representação das dores das famílias por meio da figura materna chama a atenção, sob uma primeira leitura, por se diferenciar das abordagens oficiais que predominaram na cobertura feita por essa instituição jornalística, ao longo dos 23 dias de vigoroso acompanhamento.

---

<sup>5</sup> Durante a cobertura da imprensa à paralisação da PM, as pessoas que bloquearam a saída das viaturas foram referenciadas como “mulheres dos policiais”. Neste artigo, entendemos que referenciá-las a partir desse determinante, “dos policiais”, de forma explícita ou por pressuposição, reforça relações de posse masculina sobre a mulher, além de evocar concepções negativas do gênero feminino. Receberá, pois, a marca das aspas como indicativo de discordância pelos dos autores desta pesquisa a tal referência.

<sup>6</sup> Serra compõe a região metropolitana da Grande Vitória. Localiza-se a 27 quilômetros ao norte da capital do estado.

<sup>7</sup> Maruípe é um bairro do município de Vitória, capital administrativa do Espírito Santo. Lá se instalou o Quartel do Comando Geral.

<sup>8</sup> Os dados foram divulgados pelo Sindicato dos Policiais Civis do Espírito Santo (Sindipol) e publicados no jornal ES HOJE, cuja versão digital pode ser acessada em: <http://eshoje.com.br/sindipol-em-2017-o-espírito-santo-registrou-222-mortes-a-mais-do-que-no-ano-anterior/>.

Em tal reportagem consiste o objeto de estudo deste artigo. Embora tenha sido publicado em 2017, acreditamos que os discursos presentes ali são exemplificadores do que é repetido constantemente nos dias de hoje.

Movidos, pois, pelo interesse de analisar a imagem dessas mães construídas e reforçadas pelo jornal, operamos uma série de questionamentos que podem ser respondidos à luz de uma análise científica das estruturas linguístico-discursivas utilizadas pelos jornalistas, enquanto elite simbólica que escreve para um determinado público. Algumas interrogações que nos motivaram à pesquisa foram: “Que representações sociais da figura materna são evocadas por essa reportagem?”; “A que mães se deu voz?”, “Como as outras mães não selecionadas são representadas?”; “Que concepções de mães se transparecem nessas representações?”.

Esclarece-se, a partir dessas motivações, o objetivo deste artigo: analisar a representação da figura materna na reportagem “O vazio e a dor das mães de fevereiro”. Especificamente, configura-se válido averiguar que estruturas linguísticas e discursivas são mobilizadas para representar essas mães. Acredita-se que o sofrimento justo de mulheres esteja sendo levado ao status de registro jornalístico, sob uma seletividade que valida o drama de algumas mulheres e invalida o de outras, o que caracteriza uma violência simbólica, nos termos de Bourdieu (2002). Sob essa premissa, será averiguado que construções discursivas se apoiam no pesar de algumas mulheres para operar uma representação de mães que podem chorar pelos seus filhos (“as mães de fevereiro”) e quais não têm direito à voz (as outras mães).

Para proceder à análise das representações sociais na reportagem, tanto das “mães de fevereiro”, quanto das “outras mães de fevereiro”, este artigo recorrerá ao aporte teórico da Análise Crítica do Discurso, sobretudo na proposta sociocognitiva de van Dijk (2016, 2012, 2010, 2001). O lugar de onde se falará nas análises, ao se tratar das representações sociais, será aquele utilizado por tal autor, ou seja, entendida como um modelo mental presente na cognição social (VAN DIJK, 2012). Para dialogar com esse estudo, incorporamos também a esta pesquisa estudos mais sistematizados sobre representação social realizados por van Leeuwen (1996). Ao realizar as análises das estruturas linguístico-discursivas, será utilizada como base a proposta de van Dijk. Assim, apropriar-se-á de categorias sugeridas em sua vasta obra, com o fito de operar uma análise crítica da reportagem. Metodologicamente, essas análises, aqui registradas, têm natureza qualitativa e interpretativa. Nas palavras de van Dijk, trata-se de “[...] descrições qualitativas dos detalhes da estrutura discursiva” (VAN DIJK, 2010, p. 12).

Para maior explanação da pesquisa, seccionamos este artigo em cinco partes. Na primeira, apresentamos as especificações teóricas do que entendemos por representação social. Entendida aqui como uma construção de natureza sociocognitiva e discursiva,

buscamos em van Dijk definições de *discurso*, *sociedade* e *cognição*, bem como de outros componentes de sua teoria. Em seguida, após recuperar estudos científicos sobre a construção social da figura materna e adequá-los à perspectiva sociocognitiva, procedemos à análise da representação social das “mães de fevereiro”. Na quarta seção, partimos para a análise do discurso referente às mães excluídas da reportagem, “as outras mães de fevereiro”. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

A relevância social desta pesquisa se constrói pela própria natureza engajada da Análise Crítica do Discurso, já que, se um veículo de comunicação legitima categorias sociais que se enquadram em determinadas representações sociais e priva de voz outras, está caracterizado o controle do discurso em prol de interesses de uma classe dominante na construção social de como deve ser uma mãe.

## 1 Percorso rumo à abordagem sociocognitiva da Representação Social

As abordagens atuais em torno da Representação Social, tema caro às pesquisas sociológicas e psicológicas, têm seus fundamentos na antiga discussão envolvendo aparência e realidade. A falibilidade da percepção, metaforizada pela Caverna, por Platão, é um exemplo de estudos teóricos em cujo cerne está uma interrogação: como se percebe o mundo? Durkheim (1994) apresentou grande contribuição sociológica ao compreender essas percepções dentro de um quadro coletivo, portanto, enquanto fenômeno social. Nesse projeto sociológico, distingue as representações individuais e as representações coletivas. A primeira, possibilitada pelas sensações, é construída pelas ações e reações entre os elementos nervosos do indivíduo; a segunda, pelas ações e reações trocadas entre as consciências elementares que compõem a sociedade. Adverte, porém, que as ideias, embora sendo uma propriedade que se situe no âmbito individual, somente encontra consciência a partir do ponto de vista coletivo. Sob esse enquadre teórico, as pessoas e suas ideias carregam a marca da realidade social de onde nascem e onde estabelecem os vínculos sociais com seus conviventes.

Moscovici (2015) eleva a expressividade da representação social dentro dos estudos da psicologia social. Destacando a interrelação entre sujeito e objeto, buscou-se a compreensão dos processos de construção do conhecimento. Para o psicólogo social francês, o pensamento é uma interpretação da realidade: “nossas reações aos acontecimentos, nossas respostas aos estímulos, estão relacionados à determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual pertencemos” (MOSCOVICI, 2015, p. 31). O autor retira, portanto, o sentido da realidade da imanência

dela própria, colocando-o como uma construção social, uma vez que, mesmo admitindo a convencionalidade do signo na realidade, ele se prescreve por meio da tradição e das estruturas imemoriais. Enfim, segundo tal visão, todas as interações humanas pressupõem representações, que constituem um modo particular de compreender e de se comunicar.

Esse aporte teórico sobre representação social, que aqui se apresenta sucintamente, tem sido explorado e recebido tratamento mais especificado pelos estudiosos da Análise Crítica do Discurso. A grande contribuição à histórica concepção de representação social se localiza na possibilidade de análise das estruturas linguístico-discursivas que revelam essas representações. Aqui serão destacados os trabalhos de van Leeuwen e de van Dijk. O primeiro, sob a concepção de que as realizações discursivas correspondem a escolhas representacionais, alia, pois, sociedade (culturas, crenças) e discurso; o segundo, a partir da proposta triangular de inseparabilidade entre sociedade, discurso e cognição, entende as representações sociais como um modelo instalado na memória de longo prazo, que reflete uma cognição social.

Van Leeuwen (1996) estabelece categorias que nos permitem compreender como os atores sociais estão determinados em um discurso. Tal categorização se apresenta como um inventário, de natureza social e semântica ou retórica, que nos auxilia a identificar as representações. Os sentidos que emanam das escolhas representacionais têm natureza pan-semiótica, dado o seu caráter multimodal. Além disso, centra-os como polissêmicas, uma vez que só podem ser compreendidas em um dado contexto de uma cultura: o mundo social representado submete-se às significações dos grupos sociais em um determinado momento.

As categorias sociossemânticas são organizadas em *redes de sistemas*, tendo em vista que, partindo de duas categorizações mais amplas, **Exclusão** e **Inclusão**, van Leeuwen desdobra várias outras formas de representar os atores sociais. É importante frisar que o próprio autor apresentou novas formulações dessas categorias em republicações da teoria<sup>9</sup>. Este artigo recolhe essas categorias da publicação de 1996, visto que as modificações propostas não interferem nesta análise. Elas estão organizadas neste quadro, para facilitação da exposição.

---

<sup>9</sup> As reformulações das redes de sistemas, como é chamada a esquematização das categorias sociossemânticas propostas por van Leeuwen, estão muito bem explicitadas em Novodvorski (2013).

Quadro 1: Algumas das categorias sociossemânticas propostas por van Leeuwen (1996)

CATEGORIAS SOCIOSSEMÂNTICAS	DESCRIÇÃO	ALGUMAS REALIZAÇÕES LINGÜÍSTICAS
Inclusão: Ativação e Apassivação	As referências aos atores sociais podem ser mais ou menos visíveis, de acordo com a natureza da agentividade que é construída. Na Ativação, a representação ocorre por agentes e verbos ativos e dinâmicos. A Apassivação, quer pela Sujeição (ator social sujeito), quer Beneficiação (ator social beneficiado), consiste na representação por meio da recepção da atividade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construções de cláusulas em voz passiva;</li> <li>• Referenciações por nominalizações ou nomes processuais;</li> <li>• Referências pelo lugar ou instituições.</li> </ul>
Inclusão: Personalização e Impersonalização	Na representação dos atores sociais, as referenciações podem ser mais específicas a eles ou por meio de referências a uma classe (referência genérica). Destacam-se aqui processos como Generalização e Especificação. Este último desdobra-se ainda em Individualização ou Assimilação (Agregação quantifica grupos e a Assimilação referencia por um substantivo contável).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilização de plural sem artigo ou singular com artigo indefinido;</li> <li>• Uso de numerais quantificadores;</li> <li>• Referência por substantivos contáveis;</li> </ul>
Exclusão: Supressão e Encobrimento	Dois processos advêm dessa intenção de exclusão: <b>Supressão</b> , que consiste em uma exclusão radical, dada a inexistência de referências ao ator social ou a suas atividades, e o <b>Encobrimento</b> , quando é retirada a visibilidade das referências a determinado ator.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apagamento do agente da passiva;</li> <li>• Uso de orações infinitivas;</li> <li>• Referenciações por nominalizações ou por nomes processuais,</li> </ul>

Fonte: Os autores

Revisitadas, ainda que brevemente, as categorias de análise das representações de atores sociais propostas por van Leeuwen, é importante a este artigo buscar as concepções de representação social em van Dijk, exatamente por sua perspectiva sociocognitiva. Para o autor, os usuários de uma língua “representam as experiências e os eventos ou situações do dia a dia em modelos mentais subjetivos” (VAN DIJK, 2012, p. 91). Sob essa visão, dada a

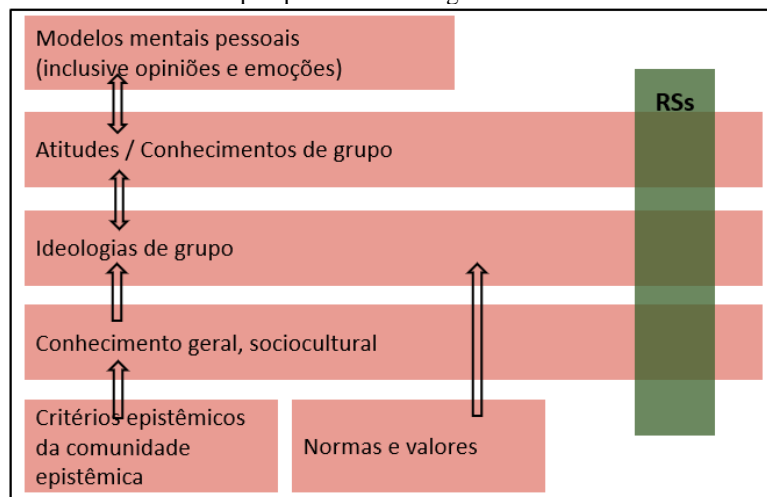
sua natureza multidisciplinar (VAN DIJK, 2001), a construção do discurso passa pela interface da cognição (pessoal e social), em razão de se instalarem, na memória de longo prazo, tanto dos leitores, quanto dos produtores do conteúdo jornalístico, valores e crenças estruturados, que são acionados nos momentos de interpretação.

A proposta do triângulo discursivo (VAN DIJK, 2001) se baseia na relação entre discurso, sociedade e cognição como uma tríade, em cujos vértices estão discurso, sociedade e cognição. Em outras palavras mais ilustrativas, numa situação de comunicação, os participantes ativam modelos mentais, que são representações na sua memória episódica, construídos socialmente. Assim, esses três vértices se interligam de modo indissociável.

Entende-se por modelos mentais representações introduzidas nas estruturas mentais, por meio de esquemas de repetição advindos de nossa experiência no mundo. Não é uma construção apenas desenvolvida individualmente, uma vez que é aprendida, adquirida, nas interações sociais. Essas interações só podem ser realizadas a partir de crenças, conhecimentos, normas e valores compartilhados, o que acende uma visão de participantes do discurso como atores cognitivos.

Nessa perspectiva, as representações sociais, manifestas nos discursos, situam-se na mente das pessoas, sob seus modelos mentais pessoais, mas que são construídas socialmente e validadas por normas, valores e conhecimentos, a partir de critérios de uma comunidade epistêmica, conforme o quadro abaixo:

Quadro 2: Arquitetura da cognição social: representação social, sob a perspectiva sociocognitiva da ACD



Fonte: Van Dijk (2016, p. 156)



Esse arcabouço teórico, que indissocia discurso, cognição e sociedade, permite debruçar-se sobre as estruturas linguísticas e discursivas em busca da descrição das representações sociais das mães retratadas e as excluídas na reportagem sobre elas. Isso só é possível, pois a língua, para além de suas invariabilidades determinadas por características gramaticais, apresenta elementos variáveis, que podem ser escolhidos, conscientemente ou inconscientemente, pelos usuários. Ilustrando claramente isso, van Dijk (2010) traz a distinção entre “Maria” e “Sra. Maria”, escolha que revela status que se atribui ao interlocutor. Tal variação reside nos mais diversos níveis: léxico, estruturas sintáticas, retórica, pragmática, multimodalidade, gênero textual, entre muitas outras.

Esses elementos variáveis, que compõem as estruturas linguísticas e discursivas do texto, serão utilizados para se proceder às análises da representação de mãe, na reportagem que é objeto de estudo desta pesquisa.

## 2 A Construção Histórica do Mito da Maternidade

Antes de se iniciar a análise dos mecanismos discursivos do objeto de estudo em questão, é importante entender um pouco da construção histórica do papel social atribuído à figura materna na sociedade ocidental e, em particular, no Brasil. Compreende-se que qualquer que seja o modelo mental de mãe que se preserve socialmente, ele passa por uma construção sócio-histórica.

Alguns autores, como Ariès (1986), defendem a ideia de que a maternidade é uma construção social enraizada simbolicamente, variando segundo diversos contextos históricos, sociais, políticos e econômicos. Ou seja, o valor atribuído à maternidade e à relação mãe-criança nem sempre foi o mesmo. Trata-se de uma elaboração social complexa que se materializa por meio da circulação de múltiplos discursos que interagem num dado contexto sócio-histórico.

A família aristocrática, por exemplo, dos séculos XVI e XVII, era constituída como um agrupamento de diversas pessoas: parentes, dependentes, criados, clientes etc. Nesse contexto, segundo Ariès (1986), as esposas dos aristocratas não tinham como preocupação social a criação dos filhos. Tão logo a criança perdia a fragilidade física, ela era misturada aos adultos nas atividades produtivas.

A partir da Revolução Industrial, no entanto, o modelo familiar europeu sofre uma drástica transformação. Segundo Poster (1979), é a partir do séc. XIX que se instaura um novo padrão familiar ligado à burguesia. Nesse novo modelo, os filhos passam a ter uma grande importância para a sobrevivência familiar, já que caberia a eles dar continuidade aos “negócios” da família. O papel social da mãe ganha relevância, uma vez que se atribuía a

ela a tarefa de preparar os filhos para que eles pudessem ocupar um papel de influência na sociedade.

É nesse contexto que surge um mito que se perpetua até aos dias de hoje: o Mito do Amor Materno. Esse amor começa a ser visto como natural e espontâneo de toda mãe para o filho, um amor incondicional. E só por meio dele a mulher pode realizar-se plenamente.

Vários discursos circulantes entre fins do séc. XVIII e início do séc. XIX fortalecem essa ideia. Entre eles, destaca-se o discurso médico-higienista. Com a implantação de faculdades e academias de medicina, surgem vários projetos sob o objetivo de combater as altas taxas de mortalidade infantil. Os médicos, então, passam a endossar a ideia da maternidade como a função prioritária da mulher, que devia amamentar e cuidar dos seus filhos de forma adequada, evitando, assim, a proliferação de diversas doenças.

Venâncio (2002) ressalta que o determinismo naturalista e a normatização médica construíram, com seus métodos e teorias, um modelo de mulher fundado na anatomia e na fisiologia, com importantes desdobramentos morais e políticos para as mulheres, encerrando-as nos estreitos limites da esfera doméstica e da maternidade.

No Brasil, especificamente, no período colonial, por exemplo, a maternidade não era tão enfatizada como valor social. No entanto, a partir do séc. XIX, as altas taxas de mortalidade infantil começaram a incomodar as autoridades, afinal, o país precisava se desenvolver e, para isso, precisava aumentar a sua população. O Estado e a Igreja passaram a estimular o cuidado com a infância e a criticar severamente práticas como o aborto e o abandono dos filhos. Somando-se isso ao discurso médico-higienista que por aqui também ganhava força, tem-se o quadro para a perpetuação do Mito do Amor Materno.

Esse Mito foi inscrito na memória familiar dos indivíduos e transmitido entre as gerações como uma crença irrefutável a partir do fim do século XVIII. Nos termos de van Djik, é possível afirmar que hoje ele se configura como um modelo mental presente na cognição social. Para Resende (2017), vê-se nessa representação de mãe um elemento organizador das sociedades: por meio da crença no amor materno inato, estabelecem-se regras de comportamento, que interessavam aos Estados, concernentes às mulheres mães. “Como um lugar sagrado, interditado de conversação, a maternidade passou a ser vista como algo do instinto da mulher, que se realizaria plenamente ao ser mãe”, reflete a autora.

Percebe-se, então, que o Mito do Amor Materno forma um modelo mental que tem se reproduzido na sociedade atual por meio de múltiplos discursos, entre eles, o da mídia. Mesmo com a emancipação feminina, principalmente a partir da década de 1960, esse modelo mental ainda persiste, gerando angústia e conflitos em muitas mulheres que decidem se inserir no mercado de trabalho e que, muitas vezes, precisam adiar ou até abrir mão da maternidade. Uma vez que a ideia propagada é a de que a mulher só pode se

realizar plenamente sob condição da maternidade, todas aquelas que precisam ou decidem abrir mão do “ser mãe” estão condenadas à infelicidade.

### 3 Representação social das “mães de fevereiro”

A reportagem “O vazio e a dor das mães de fevereiro” afirma que procurou 38 mães que teriam perdido seus filhos durante os 22 dias da “greve” dos policiais militares do ES, período que a própria reportagem chama de “o mês mais sangrento da história do Estado”. Das 38 mães procuradas, apenas 14 concordaram em falar ou pediram para que parentes falassem em seu lugar. O texto ressalva que muitas mães tinham medo de falar e, mesmo dentre as 14 que concordaram em conceder entrevista, algumas (número não especificado) concordaram em falar apenas por telefone e outras optaram por encontrar os repórteres em “lugares em que ninguém as conhecesse”.

Apesar de 14 mulheres concederem entrevistas, apenas três delas aparecem explicitamente na reportagem. Não há, no texto, nenhuma explicação clara sobre os critérios que levaram a essa seleção dos três casos narrados. Resume-se, a seguir, o perfil destas três mães apresentadas na matéria jornalística analisada:

Quadro 3: Mães citadas na reportagem “O Vazio e dor das mães de fevereiro”.

Ator social	Descrições e referências
Rosenei Vieira	40 anos, moradora de Cariacica. Sua profissão não é mencionada, apenas sua condição de mãe.
Sheila Lima Melo	37 anos. Não é mencionada a cidade onde morava. É apresentada como auxiliar de produção.
Sem nome mencionado	É identificada apenas como uma “doméstica” de 40 anos. Também não é mencionada a cidade onde mora.

Fonte: Os autores

Percebem-se aqui dois traços comuns no que diz respeito às mães selecionadas: todas são mulheres de meia idade, entre 37 a 40 anos; todas são de classes sociais desprivilegiadas.

Em busca da representação social da figura materna, a partir do recorte de mães determinado pelos profissionais do veículo midiático, essa imagem construída de mãe será

analisada sob as categorias propostas por van Leeuwen e pelas estruturas linguísticas e discursivas propostas por van Dijk. Serão enfatizadas duas construções discursivas presentes na reportagem: 1. O sofrimento das mães pela perda do filho em decorrência de morte violenta; 2. As descrições dos filhos, que passam, nesse evento comunicativo, a determinar que mães são essas.

### 3.1 Construção discursiva de mãe em sofrimento

Todas as três mães retratadas foram representadas pelo processo de **Inclusão** e **Apassivação**, embora a terceira mulher tenha tido a sua identidade preservada pelo jornalista. As realizações linguísticas as representam como mães sofredoras. O singular “A mãe”, posto anteriormente ao próprio nome de Rosenei (1º parágrafo, p. 8), coloca-a dentro de uma categoria social, realizando uma ativação desse modelo mental a partir do qual o leitor criará os sentidos referentes a ela.

Outra referência foi o tratamento estabelecido por “senhora” (2º parágrafo, p. 8), usado no relato de Rosenei sobre o momento em que um policial fala da morte do filho. Mesmo em discurso direto, esse trecho deve ser entendido como uma escolha do jornalista. Esse tipo de tratamento pode ter sido usado pelo policial como forma de distanciamento, mas, recuperado em uma reportagem sobre mães, pode ter forte relação com os modelos mentais construídos socialmente: mãe é senhora, mulher mais velha, que tem posse sobre o filho. Sheila Lima também é apresentada como “mais uma entre muitas mães que choram a perda dos filhos assassinados” (6º parágrafo, p. 8). A terceira mulher, cujo nome não foi explicitado, é referenciada por “uma mãe” (17º parágrafo, p. 9).

Escolhas semântico-sintáticas também confirmam essa construção discursiva de sofrimento: foram mais produtivas as estruturas com verbos de sentido menos agentivo, como “estava na casa de uma amiga” e “soube da notícia” (1º parágrafo, p. 8, referentes à Rosenei), além de “não deixaram eu me aproximar”, “Mandaram eu ir embora” e “só consegui encontrá-lo” (2º parágrafo, p. 8, ainda referentes à Rosenei). Este último se mostra interessante, já que, enquanto *encontrar* sugere alguma agentividade, no sentido de *buscar*, a presença de *conseguir* demonstra a existência de dificuldades, o que reduz o caráter agente da cláusula. Na esteira desses valores semântico-funcionais dos verbos, adiante, encontra-se o segmento “elas (nomes femininos citados anteriormente) carregam o drama de terem perdido seus filhos” (3º parágrafo, p. 8): *carregar* não é agentivo se seu argumento é *o drama*. Ademais, *perder*, se já apresenta uma agentividade questionável, ainda mais se torna quando aparece nessa construção de participio com o verbo *ter*.

Na sequência (7º parágrafo, p. 8), ao abordar o estado emocional consequente das

mortes, às mães continuam a ser atribuídas ações apassivadas: “São mortes que não vieram sozinhas. Junto com elas, a desestabilização das famílias que passaram dificuldades para seguir suas vidas. [...] Gente que não consegue voltar à vida normal.”. No primeiro período desse fragmento, nota-se a carga semântica do verbo atribuído ao sujeito *mortes*: *vir*, que contribui para a construção de um acontecimento do qual as mães foram vítimas. Na mesma proposta discursiva, em “desestabilização das famílias”, nota-se o fenômeno da passivação por meio da nominalização: o substantivo abstrato dirigido ao alvo “famílias” o torna paciente da ação do verbo correspondente *desestabilizar*. Por fim, “não conseguir voltar” demonstra impotência das mães.

Estruturas amenizadoras de agentividade também foram exploradas nas referências à Sheila Lima Melo (8º parágrafo, p. 8): “precisou mudar”, “está em depressão” “fico esperando”. No caso da terceira mãe, verbos dessa natureza também se destacaram: “perdeu o filho” (17º parágrafo, p. 9), “Eu não ando mais com saúde igual a antes” (20º parágrafo, p. 9).

Essa construção discursiva do sofrimento se inicia logo no título da manchete de capa “O Vazio e a Dor das Mães de Fevereiro”, em que se percebe um jogo semântico ao conjugar as palavras “vazio” e “dor” como forma de intensificar o sentimento envolvido nas mães retratadas. Nota-se a intenção clara dos redatores de, desde o início, chamar a atenção dos leitores para o sofrimento que aquelas mães estavam passando por terem perdido os seus filhos no chamado “mês sangrento”. As mães são retratadas, então, como mulheres sofredoras, vivendo uma dor quase insuportável. Isso reproduz o modelo mental já mencionado do Mito do Amor Materno, afinal, sendo a maternidade o principal motivo de realização para uma mulher, a perda de um filho significa perder o “sentido da vida”. O uso da metáfora “vazio” intensifica a ideia de perda irreparável, como que a razão de ser daquelas mulheres fosse o ser mãe.

Segundo van Dijk (2012), o uso de estruturas retóricas como a metáfora tem a função de, não só realçar ou atenuar a identidade social ou ideológica, mas também as relações sociais entre os participantes de uma interação. No caso específico aqui, vê-se que a metáfora “vazio” realça a relação mãe-filho, criando quase que uma relação de dependência. A mulher, sem o filho, não está completa, ela necessita da maternidade para se ver por inteira.

As seqüências narrativas também estão em prol de uma construção discursiva de sofrimento. Já no subtítulo da reportagem interna “As Mães de Fevereiro” vê-se a seguinte narrativa: “*Elas sofrem a cada dia o drama de terem perdido, no mês mais sangrento da história do Estado, aqueles a quem deram a vida. São marcas que vão durar para sempre.*”. Percebe-se, mais uma vez, o sofrimento das mães em realce. Chama a atenção a expressão “aqueles a quem deram a vida”, reforçando o modelo mental de mãe como a

doadora universal da vida, dando à maternidade quase que um caráter divino. Um modelo de mulher fundamentado na anatomia e na fisiologia, conforme propagava o discurso médico-higienista, segundo o qual dar à luz se tornava a grande dádiva de Deus às mulheres.

Durante toda a reportagem vê-se um modelo de mãe retratado enquanto ser fraco, frágil e altamente emotivo, o que pode ser verificado por meio do discurso relatado, recurso muito comumente utilizado pela imprensa escrita para marcar precisamente as vozes dos atores envolvidos. Assim, tem-se no segundo parágrafo da reportagem: *Chegando lá eles (policiais civis) não deixaram eu me aproximar dele. Falaram: ‘a senhora não reconhece seu filho de longe?’. Eu falei que não porque estava muito longe e escuro.*” Infere-se nessa sequência, pela voz de uma das mães da reportagem, que a força policial (eles/homens) não permitiu que ela se aproximasse para saber se um corpo no chão era ou não de seu filho. Por meio desse recurso, o texto parece orientar os leitores para o caráter emotivo da situação da mãe, bem como sua fragilidade como mulher e mãe.

Sumarizamos, por meio deste quadro, a representação das mães que falaram à reportagem:

Quadro 4: Representação Social: mães em estado de sofrimento

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE MÃE COMO EM SOFRIMENTO	
CATEGORIA	ESTRUTURAS ENCONTRADAS
Referenciação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A mãe”</li> <li>• “Senhora”</li> <li>• “mais uma entre muitas mães que choram a perda dos filhos assassinado”</li> </ul>
Passivação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “estava na casa de uma amiga”</li> <li>• “soube da notícia”</li> <li>• “não deixaram eu me aproximar”</li> <li>• “Mandaram eu ir embora”</li> <li>• “só consegui encontrá-lo”</li> <li>• “elas carregam o drama de terem perdido seus filhos”</li> <li>• “São mortes que não vieram sozinhas. Junto com elas, a desestabilização das famílias que passaram dificuldades para seguir suas vidas.”</li> <li>• “Gente que não consegue voltar à vida normal”</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “precisou mudar”</li> <li>• “está em depressão”</li> <li>• “fico esperando”</li> <li>• “Eu não ando mais com saúde igual a antes”</li> </ul>
Retórica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Vazio e dor”</li> <li>• “mês sangrento”</li> </ul>
Sequências textuais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Elas sofrem a cada dia o drama de terem perdido, no mês mais sangrento da história do Estado, aqueles a quem deram a vida. São marcas que vão durar para sempre.”</li> </ul>

Fonte: Os autores

Esse quadro compila as estruturas linguístico-discursivas que demonstram que mães sofridas, recebem, pois, um tratamento discursivo de Apassivação, seja por meio das referências à categoria de “mãe”, seja pela pouca agentividade dos verbos, seja pelos dispositivos retóricos acionados, seja pelas sequências tipológicas.

### 3.2 Construção discursiva de mãe exitosa na criação dos filhos: discurso da fatalidade

Outra forma de acessarmos as representações das “mães de fevereiro” reside nas descrições e referências feitas aos seus filhos. Se tratadas como mãe, desde a manchete da reportagem, essas mulheres podem ser lidas pelos filhos que tinham.

Sobre esse aspecto o que se nota, nos três casos relatados, é que a morte violenta dos filhos ocorreu por uma desestruturação da segurança pública. Três estruturas linguístico-discursivas podem ajudar a compreender a escolha do jornal pelas três mães: o assassinato do filho, por fatores que independeram de escolhas dele ou da criação pela mãe, constituindo-se em fatalidade.

As circunstâncias da morte são construídas na reportagem por meio de sequências narrativas e descritivas, que deixam claro um perfil de vítima, operado na seleção das famílias afetadas. O primeiro relato salienta a justificativa para a vítima não ter permanecido dentro de sua casa: “para saber notícias de um amigo que havia morrido minutos antes” (1º parágrafo, p. 8). No segundo caso, a vítima é descrita como um trabalhador, em meio a uma narrativa que faz questão de excluir qualquer responsabilidade da vítima pela sua morte: “ele não havia ido trabalhar com a venda de açaí devido a (*sic*) paralisação da Polícia Militar. Mas saiu de casa para comprar um lanche com o irmão e um amigo para continuar jogando vídeo game. Na volta, eles se depararam com o carro, as

quatro portas se abriram e os bandidos começaram a atirar neles.” (10º parágrafo, p. 9). Essa narração recebe na sequência a citação avaliadora da mãe: “Meu filho era maravilhoso. Família para ele era tudo. Trabalhador, estudava, era muito amigo e tinha muitos sonhos, a felicidade da casa.”. O terceiro relato traz a morte de uma criança: “O menino brincava de pipa na rua quando foi atingido por um tiro nas costas.” (18º parágrafo, p. 9).

As referências às vítimas também são feitas por um léxico que pode ser considerado positivo. A primeira vítima, após ser referenciada por um elemento catafórico “um homem”, é reativado textualmente pelo nome próprio completo, por “o jovem”, pelo primeiro nome, pelo pronome “ele” e por “filho” (1º parágrafo, p. 8). No segundo caso, após o elemento hiperonímico “filhos” e o pronome “ele”, que aparece outras vezes no texto, há ocorrências linguísticas positivas: “pessoa querida” e “meu filho” (8º, 9º e 10º parágrafos). A terceira vítima é tratada por categorias sociais: “criança” e “filho” (p. 9).

Por fim, destacam-se as estruturas sintáticas em voz passiva, para demonstrar a construção social da fatalidade. Em todos os três casos as cláusulas passivas dominam as construções sintáticas, a exemplo de “foi morto” e “foi atingido”.

Quadro 5: Representação Social: mães exitosas na condução dos filhos.

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE MÃE COMO EXITOSA NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS	
CATEGORIA	ESTRUTURAS ENCONTRADAS
Sequências	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “para saber notícias de um amigo que havia morrido minutos antes”.</li> <li>• “ele não havia ido trabalhar com a venda de açaí devido a (sic) paralisação da Polícia Militar. Mas saiu de casa para comprar um lanche com o irmão e um amigo para continuar jogando vídeo game. Na volta, eles se depararam com o carro, as quatro portas se abriram e os bandidos começaram a atirar neles.”.</li> <li>• “Meu filho era maravilhoso. Família para ele era tudo. Trabalhador, estudava, era muito amigo e tinha muitos sonhos, a felicidade da casa.”</li> <li>• “O menino brincava de pipa na rua quando foi atingido por um tiro nas costas.””</li> </ul>
Referenciação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “o jovem”</li> <li>• “ele”</li> <li>• “filho”</li> <li>• “criança”</li> <li>• “filho”</li> </ul>



Passivação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “foi morto”</li> <li>• “foi atingido”</li> </ul>
------------	---

Fonte: Os autores

Essas escolhas linguísticas constroem um discurso de virtuosidade das vítimas. Considera-se justíssimo o memorial de toda vítima de assassinato, porém também precisa ser ressaltado que tal construção discursiva contribui para a representação social das mães. Se foram destacadas as mortes de filhos virtuosos, pode estar por trás um modelo mental de mãe que não erra na criação de seu filho.

#### 4 “As outras mães de fevereiro”

Além das três mulheres retratadas na reportagem, as outras que tiveram seus filhos assassinados durante a “greve” da PM também foram representadas, ao menos parcialmente. É importante frisar aqui, no entanto, a exclusão absoluta das vítimas que não foram contadas oficialmente, como é possível deduzir que ocorreu. Com relação às outras, além daquelas três, tratadas aqui como “as outras mães de fevereiro”, analisaremos como foram representadas nesse discurso.

Nos termos de van Leeuwen, a representação dessas mulheres pelo discurso jornalístico analisado é o de **Exclusão** por **Encobrimento**. Elas aparecem sob forma de elementos quantificadores, como “centenas de outras” e “foram 219 mortes”. Também há referências genéricas, a exemplo de “gente que não consegue voltar à vida normal”. Além disso, há o uso do pronome “ela”.

O encobrimento ocorre visto que, embora não inexistentes no discurso, essas mulheres não alcançam visibilidade, ou, sob o controle do discurso jornalístico, não se enquadram em um modelo mental de mãe construído socialmente.

#### Considerações finais

As três mães retratadas na reportagem “O vazio e a dor das mães de fevereiro” obedecem a uma seleção que não pode ser explicada apenas pela limitação espacial das publicações impressas. As estruturas discursivas demonstram uma representação de mãe que: 1. é concernente ao Mito do amor Materno, construção sócio-histórica; 2. exclui as outras mães que não obedecem a esse modelo estabelecido.

As mães que não falaram são indignas do “vazio” e “dor”? Eis um questionamento

oportuno, após as análises das representações. Lembra-se aqui do sofrimento também dos pais das vítimas, que não obedece ao tradicional papel social de educar, historicamente legado às mulheres. O discurso produzido, carregado de ideologias sobre família, preserva modelos mentais subjacentes à sociedade brasileira.

Se se entende que o controle discursivo (a mídia selecionou quais atores foram representados e como se deu tal representação) pode ser utilizado em prol da manutenção da exclusão e das injustiças sociais, eis aqui um proífico exemplo de como isso ocorre, já que são reforçados padrões de representação social da figura materna, suprimindo as mulheres que discrepam desse modelo.

A representação social da figura materna pela mídia ganha relevo pela construção do simbólico por um discurso capaz de produzir ou criar a realidade. No sentido que lhe dá Bourdieu, haveria, portanto, uma transformação do real em espetáculo e da violência em produto a ser consumido. As representações das mães de fevereiro não só chamam atenção do leitor para o caráter endêmico da violência ocorrida durante a “greve” dos policiais, mas também para ações de segurança, de políticas públicas e de punição por parte do Estado aos policiais que aderiram à “greve”.

## Referências

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CERQUEIRA, Daniel *et. al.* *Atlas da violência 2017*. Ipea e Fórum Nacional de Segurança Pública, 2018.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- DURKHEIM, E. Representações individuais e representações sociais. *In: DURKHEIM, E. Sociologia e Filosofia*. São Paulo: Ícone, 1994. p. 9-54.
- NOVODVORSKI, A. Representação de atores sociais. *In: MAGALHÃES, M. C (org.). Representação social em corpus de tradução e mídia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

POSTER, Mark. Modelos de Estrutura da Família. In: POSTER, Mark. *Teoria Crítica da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 185-224.

RESENDE, D. K. Maternidade: Uma Construção Histórica e Social. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*. Minas Gerais, v. 4, n. 2, p. 175-191, 2017.

VAN DIJK, T. A. *Discurso y conocimiento*. Barcelona: Gedisa, 2016.

\_\_\_\_\_. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato em favor de la diversidad. In: WODAK, R.; MEYER, M. *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2001. p. 143-177.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro. (org.) *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional* Lisboa: Caminho, 1996. p. 169-222.

VERLI, C. *et al.* O vazio e a dor das mães de fevereiro. *Jornal A Gazeta*, p. 8-9, 05 ago. 2017.

VENÂNCIO, Renato Pinto. A maternidade negada. In: PRIORE, M. D. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. p.189-223.

**MICHELINE MATTEDI TOMAZI**

Doutora em Estudos linguísticos pela Universidade Federal Fluminense. Professora Adjunta II da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFES) e líder do Grupo de Estudos sobre Discurso Midiático (GEDIM/UFES).

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/478371656563178>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2246-7061>

E-mail: [michelinetomazi@gmail.com](mailto:michelinetomazi@gmail.com)

**JOELSON DE MARIA ROCHA**

Mestrando pelo PPGEL, Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo. Integrante do Grupo de Estudos sobre Discurso Midiático (GEDIM/UFES).

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/7368514672559174>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5775-9999>

E-mail: [joerocha@hotmail.com](mailto:joerocha@hotmail.com)

**CANDIDO JUNIOR**

Mestrando pelo PPGEL, Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo. Integrante do Grupo de Estudos sobre Discurso Midiático (GEDIM/UFES).

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8383583963648732>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1790-3826>

E-mail: [pr.candido@imm.org.br](mailto:pr.candido@imm.org.br)